

---

## **O BULLYING NO COTIDIANO ESCOLAR: Uma experiência no estágio de Orientação Educacional**

SOUZA, SANDRA. Alencar  
Graduanda do curso de Pedagogia – UEPB  
[sandra.a.s21@hotmail.com](mailto:sandra.a.s21@hotmail.com)

SOUSA, S. Simone  
Graduanda do curso de Pedagogia – UEPB  
[silviasimone2009@hotmail.com](mailto:silviasimone2009@hotmail.com)

OLIVEIRA, H. M. Silva  
Graduanda do curso de Pedagogia – UEPB  
[helenmsoliver@hotmail.com](mailto:helenmsoliver@hotmail.com)

SANTIAGO, Z. M<sup>a</sup> Arruda  
Professora orientadora - DE/UEPB  
[zeliasantiago@yahoo.com.br](mailto:zeliasantiago@yahoo.com.br)

### **INTRODUÇÃO**

Na atualidade muitas são as questões que se envolvem quando se fala do fenômeno *bullying* na escola que, muitas vezes, é identificado pelos profissionais da educação como algo natural que faz parte do momento da criança como meras brincadeiras.

A partir de autores pesquisados, como Chalita (2008), afirma que o *bullying* é uma realidade bem presente no cotidiano escolar, geralmente apresentando-se de forma mascarada entre os comportamentos das crianças e omitidos por muitos professores (FANTE, 2005, p. 29). Conforme autor, os *bullings* são de formas variadas e não escolhem classe social ou econômica, escola pública ou privada, está presente em grupos de crianças e de jovens, em escolas de muitos países, em diferentes realidades culturais, sendo responsáveis por vários resultados negativos no processo de ensino-aprendizagem e nos relacionamentos interpessoais entre alunos, bem como para o desenvolvimento afetivo-emocional.

Suas características atrelam-se a violência escolar vivenciada em forma de maltratos, insultos, intimidações, apelidos, injustiça, sofrimentos, arengas, fuxico, beliscões, gozação, verbal, não-verbal, virtual (internet, celular, Orkut), migrantes, variantes linguísticas, perseguição, sempre relacionados a questões de gênero, etnia, crença, status familiar, opção

---

sexual, fragilidade emocional, os quais são construídos e reproduzidos por alunos e, muitas vezes, pelo corpo docente e demais membros da escola.

São males que trazem sérias consequências emocionais que desestruturaram a capacidade cognitiva do aluno e desmotivam as crianças a estarem no espaço escolar e, assim, rejeitarem a sua escolarização sendo alunos excluídos da formação educacional. Diante de tais questões, esse estudo objetiva discutir como os *bulliyngs* são manifestados e reproduzidos no discurso dos professores no cotidiano escolar, a partir de depoimentos dos Orientadores Educacionais.

## **1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Algumas considerações**

A perspectiva da educação inclusiva traz contribuições para entendermos as significações do termo inclusão. Autores dessa temática (MANTOAN, 2006; CARVALHO, 2003) defendem que a inclusão promove o exercício da prática cidadã, através de uma prática consciente da construção e estruturação da personalidade dos alunos enquanto seres sociais. A educação inclusiva visa alcançar a todos independente de sua origem social, cultural, diferenças individuais ou dificuldades diversas vivenciadas pelos alunos.

Em 1988 foi apresentada a Constituição Federal que em alguns de seus parágrafos expressa a preocupação de se ter uma educação inclusiva de acesso a todos. Nos anos 90, a educação inclusiva a partir da Assembléia Geral da ONU, motivou o Brasil à criação da proposta educacional Plano Decenal de Educação - 1993 a 2003, com o objetivo de incluir educacionalmente os grupos considerados vulneráveis como as crianças de rua, indígenas, deficientes, idosos; todos aqueles que sofrem de certa forma exclusão do processo educativo.

A Declaração de Salamanca em 1994 também foi de extrema importância quanto à inclusão educacional que defende o direito educacional a toda criança. A educação inclusiva representa uma proposta prática e busca atender aos que precisam. Inclusão em todos os níveis de ensino, uma atitude democrática que se opõe a qualquer tipo de segregação, na qual depende muito da conscientização, do respeito, do conhecimento e do engajamento individual, social e coletivo de superação de preconceitos.

---

## 2. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E O BULLYING ESCOLAR

Vários filósofos e estudiosos da antiguidade clássica buscaram entender a função da Orientação Educacional (O.E.), sobretudo nas escolas públicas, a exemplo das ideias platônicas que fundamentaram a concepção de O.E., a qual estava ligada a orientação vocacional relacionada estritamente às aptidões individuais (GRINSPUN, 1992). Nesse sentido, a O.E. atuava como um trabalho de seleção de pessoas cognitivamente dotadas para atender as exigências da sociedade capitalista, diferente do sentido do O.E. da atualidade que desenvolve um trabalho integrado.

A educação aperfeiçoa o homem e o papel da O.E. articula, em harmonia, essa integração entre a aquisição de outros saberes e o saber-fazer para que todos os alunos/as tenham o direito a essa educação, então orientar é estabelecer condições para os educandos viverem inseridos num ambiente de princípios e valores que dê sentido as tão diferentes expectativas influenciadas por uma época econômica, cultural e política.

A educação eleva o homem e por meio da história ele se situa no tempo e no espaço. Juntamente com a orientação, colabora num projeto transformador, tornando a escola uma instituição competente e qualificada. A O.E. sempre esteve presente na história, onde seu significado foi sendo construído de acordo com o contexto histórico. Na Antiguidade Clássica são citadas as ideias de Platão e Aristóteles que apresentam a O.E. como uma questão vocacional. Nos estudos contemporâneos autores como Kant e Beck apresentam a interação entre sujeito e objeto.

A concepção de O.E. no Brasil era percebida por psicólogos como terapêutica e corretiva, porém muitos são os conceitos relacionados ao significado da O.E. , seria pedagógico ou psicológico? Atualmente o papel da orientação na escola é de argumentar, discutir e refletir sobre as problemáticas que existem, tornando o aluno crítico e consciente da sociedade.

*Bullying* é uma palavra de origem inglesa derivada do verbo inglês "bully", que significa usar de poder para subordinar alguém. De acordo com Fante (2005, p 28) o bullying é um subconjunto de comportamentos agressivos que envolvem intimidações, insultos,

---

assédios, exclusões e discriminações de todo gênero, que ridicularizam e intimidam o indivíduo. Este é praticado por uma ou mais pessoas contra outra.

Neste tipo de agressão destacam-se três “personagens”, a vítima que sofre os constrangimentos e pode mais na frente tornar-se um ser vingativo podendo através de suas atitudes por em risco a vida dos que se encontram no mesmo ambiente que ela. O agressor, que pratica essas barbáries e o espectador que tem consciência do que acontece, porém se omite.

O bullying apresenta-se com mais frequência entre as faixas etárias de 7 a 18 anos, o que não a exclui do ensino superior existindo através dos trotes praticados com os “feras”; expõem-os a situações abusivas e até mesmo violentas. No entanto, tais atitudes não são praticadas apenas por alunos, mas por docentes que utilizam desses recursos como forma de punição e alienação dos discentes, a exemplo de práticas de avaliações inadequadas, pressões psicológicas quanto à produção de trabalhos escolares, cujo procedimento manipula de certa forma a idéia do aluno pesquisador expressam assim a prática do bullying pelos professores.

Percebe-se então a necessidade de que haja uma conscientização sobre a gravidade que rodeia este problema e que sejam elaborados projetos com o intuito de trabalhar esta temática tanto na escola como na sociedade com o objetivo de deter tal procedimento degenerativo. Ações que levem os alunos a reconhecerem-se como seres sociais; exercitando o respeito, o amor, a ética, valores humanos importantes à harmonização da sociedade.

Com esse intuito buscamos no estágio supervisionado de Orientação Educacional verificar de que forma os (as) professores (as) contribuem para a construção e reprodução dos diversos tipos de *Bullyings* no cotidiano escolar, sobretudo em relação ao aluno. Portanto, ao longo do estágio, realizou-se uma entrevista com os Orientadores Educacionais tendo em vista verificar como essa prática acontece e como ela tem marcado os relacionamentos entre aluno-professor e aluno-aluno. Os participantes envolvidos são Orientadores Educacionais da Rede Escolar do Ensino Municipal nas séries iniciais do Ensino Fundamental no município de Campina Grande-PB.

Durante a entrevista procuramos manter um clima de descontração interacional com as orientadoras e, assim, alcançarmos o nosso objetivo arquitetado nesse trabalho. Após a sua realização as entrevistas foram transcritas, conforme regras da Análise da Conversação, em seguida os dados empíricos foram submetidos a uma discussão e, finalmente, o foco temático da referida pesquisa foi selecionado e apreciado conforme os pressupostos teórico-metodológico desse trabalho.

As entrevistas com os O.E. foram geradas a partir do que a professora vivência com os problemas de bullying gerados pelos alunos-alunos, alunos-professores que, a seguir, sequenciamos àqueles mais apontados nos depoimentos dos Orientadores Educacionais.

### **3. CONSTRUÇÃO E REPRODUÇÃO DOS *BULLYINGS***

Durante o estágio identificamos vários tipos de *bullyings* gerados pelos professores expressos na fala dos Orientadores Educacionais, em que se verifica no seguinte fragmento retirado da entrevista do F”A” em relação ao seu aluno:

*“... Ah! aquele aluno dá muito trabalho... eu já o conheço bem!... não sei o que ele está fazendo aqui! qualquer dia desses eu abro o portão e mando ir embora sozinho...”*

A F”A” afirma que ‘*conhece*’ o aluno e tece comentários sobre sua incapacidade levando-o a ridicularização frente aos colegas no espaço escolar, além de ameaçá-lo por lhe dar ‘*muito trabalho*’. No comportamento desse professor percebe-se que não há incentivo e respeito pelo aprendiz, mas sentimentos de rejeição e violência.

Essa perspectiva é circulante noutros espaços da escola, a exemplo da sala dos professores, geralmente no momento da merenda, quando estes em conversas informais, comentam algo sobre a vida dos seus alunos, verificado no fragmento a seguir, do F”B”.

---

*“... esse aluno não quer nada com a vida... não vai passar de ano... é atrasado demais...”*

Nessa situação há comentários que discriminam a capacidade de aprendizagem do aluno que são reproduzidos entre os membros da escola que certamente contribuí para o seu desinteresse e baixa auto-estima quanto ao potencial cognitivo. Noutros exemplos os falares dos professores tornam-se mais agravantes e marcam vidas que aspiram crescer por meio da escolarização, como se observa no próximo fragmento do F”B” ao referir-se a dos seus alunos.

*“... já chegou olha lá.... parece um ‘mongoloide’.... não aguento mais... que capacidade de aprender ele tem?”*

É expressivo o comportamento violento entre os professores enquanto educadores que contribuem para o desenvolvimento afetivo-cognitivo das crianças, cujas atitudes são perpassadas entre os demais profissionais e alunos da escola. Outro tipo de *bullying* muito frequente entre os professores são os apelidos que menosprezam e rebaixam a imagem físico-corporal dos alunos, bem como a sua capacidade de aprendizagem, a exemplo do próximo fragmento.

*“... saí daí zé lelé..... vem cá Pedro bacia ((rsrs... risos))”*

Essa questão cognitiva é sempre apontada entre os professores e, muitos alunos, por não se ‘interessarem’ pelas aulas, coloca-os fora de classe, além de revelar o motivo de tal procedimento evidente no fragmento do F”B”, a seguir.

---

“... você não tem capacidade!”

Nesses resultados parciais sobre o tema acima focado, percebe-se que, se o sentido etimológico da escola - lugar lazer -, este se transforma em um lugar de desprazer, pois muitas crianças vivenciam, cotidianamente, a exclusão social no próprio espaço escolar. Há uma política legalizada no Estatuto da Criança e do Adolescente, no qual toda criança tem direito a escola, a educação, lazer, entre outros. Mas como as crianças podem usufruir desses direitos se, muitas vezes, a escola torna-se sua inimiga, além de que as pessoas consideradas aptas para formar, orientar à vida dos aprendentes, também são marcadas pela violência e, assim, muitas vezes, não se encontram capazes para assim fazer?.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de situações favoráveis ao bem estar emocional do educando e o seu desenvolvimento nos sentidos: cognitivo, psicomotor e sócio-afetivo, a fim de que os discentes adquiram habilidades e atitudes que lhes permitam atender às necessidades no seu cotidiano; discutindo o conceito de bullying no ambiente escolar e familiar, ensinando os alunos a conviverem com as diferenças, onde o orientador em parceria com o corpo docente reforçará o companheirismo, a amizade e o respeito ao outro, levando a mudanças de posicionamento e atitudes. Há uma necessidade com a capacitação dos professores em termos de superação dos *bullying*s, pois estão diretamente ligados ao processo de ensino-aprendizagem geradores da desmotivação, baixa auto-estima, rendimento escolar, tendo em vista assegurar o desejo dos alunos não desistirem da escola.

## BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Rosita Edler. *Temas em educação especial*. 3ª ed. Rio de Janeiro, 2003. WVA.

---

FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus, 2005.

GRINSPUN, Mirian Paura S. Zippin (org.). *Supervisão e Orientação Educação: Perspectiva de integração na escola*. São Paulo: Cortez, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Bullying: Mais sério do que se imagina*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PIETRO, Rosângela Gavioli e ARANTES, Valéria Amorim (org.). *Inclusão Escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2006.

MELO, Sônia Maria Martins de, 1949 – *Orientação Educacional. Do conselho ao conflito/ Campinas, SP: Papyrus, 1994 (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico)*.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*. São Paulo: Paulus, 2009.